

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

ELLAURI (Oscar Secco). — **La Antigüedad y La Edad Media**, 4a. edição. Buenos Aires, Editorial Kapeluz, 1965. 429 págs., illus.

Problema que aflige o professor secundário, particularmente o jovem recém-egresso da Faculdade, pleno de idéias a respeito da aula modelo, é a falta de bons manuais que possa recomendar a seus alunos. E', ao que parece, um problema geral, mas para evitar adentrar em seara alheia, focalizá-lo-emos apenas na História.

Como deve comportar-se o professor que pretende dar um curso de História de bom nível no secundário? Adotar um desses livros de autores conhecidíssimos pelo seu amor à cópia e desamor à pesquisa? Ou simplesmente utilizar o execrável sistema de "ditar aula"?

Já de sobejo é conhecida aquela argumentação de que não é possível ensinar História de maneira científica a adolescentes, razão pela qual procura-se despertar seu interesse narrando fatos pitorescos. Não podemos, de forma alguma, aceitar tal premissa, ainda mais se se considerar que uma forma adulterada de ensino da História pode levar o aluno a arrefecer seu eventual entusiasmo por aquilo que a História é ou a desenvolvê-lo (falamos do entusiasmo) por aquilo que a História não é.

E a respeito da impossibilidade de ensinar História científica (e não cronológica) a alunos de cursos médios, aí estão os excelentes manuais franceses, como os da Livraria Hachette, ou os da Coleção Monnier.

E, por um feliz acaso nos caiu às mãos essa quarta edição do **La Antigüedad y la Edad Media**, de Secco Ellauri, numa edição argentina que — se não chega ao nível dos livros franceses — dá um passo muito sério no sentido de atingi-lo. E não se diga que o volume tenha pretensões mais eruditas: vem claramente escrito

"de acuerdo con el programa de primer año del ciclo básico y de las escuelas de comercio".

A um simples folhear, observaremos a qualidade de ilustrações contidas no volume: são mapas, fotografias de locais ou monumentos históricos, gráficos, desenhos, plantas, reproduções de moedas, enfim, toda uma gama de motivações iconográficas, algumas das quais de ótima qualidade. A capa é razoavelmente bela e tem uma virtude bastante prática — é feita de material resistente.

A obra propriamente dita aparece dividida em três unidades: A Pré-história, a Idade Antiga e a Idade Média. Destas a única dividida em sub-unidades é a Idade Antiga (Oriente, Grécia e Roma), o que não é uma novidade.

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

O que sim é novidade é a maneira de alguns capítulos serem tratados. E' evidente que faremos apenas algumas referências, já que seria ocioso analisar todos os 51 títulos, desde **El hombre pre-histórico** até **La caída de Constantinopla**.

Logo à página 2 encontramos gráfico sôbre as éras, seguido de outro (pág. 6) que ilustram o aluno sôbre a pré-história. Mas nossa surpresa — agradável por sinal — não pode ser disfarçada quando, ao explicar as idéias acêrca das origens do homem pré-colombiano, o A. fala de Ameghino, de Rivet e de Hrdlicka e de suas teorias, evitando dar sua opinião arbitrária e possibilitando ao aluno o contato com teorias e não apenas com "respostas categóricas". E uma posição honesta, por isso mesmo funciona como introdução do aluno a uma perspectiva científica contemporânea, distante daqueles valores absolutos que norteavam as ciências no século passado.

Em seguida aparece uma bem esquematizada síntese da história dos povos chinês e indú, a partir das condições geográficas que influíram no seu desenvolvimento. Consigne-se, aliás, de passagem embora, a estranheza pelo fato da China e Índia (que afinal possuem, em nossos dias, perto de metade da população mundial) não serem devidamente tratadas em nossos manuais.

Mais adiante, quando trata da Grécia ou mais especificamente, do século de Pércles, notamos uma falha importante: o A. não fala das bases econômicas, dos recursos que Atenas amealhara para conseguir chegar àquele grau de desenvolvimento. Esta falha, a de desprezar a própria estrutura material sôbre a qual é edificada uma cultura, repetir-se-á em vários locais, como por exemplo, nas origens das Guerras Médicas. Já quando fala das Guerras Púnicas o A. explica que

"Hasta la guerra con Pirro, Roma mantuvo relaciones amistosas con Cartago y celebró con ella sucesivos tratados de alianza. Pero la conquista de la Magna Grecia hizo temer a los cartagineses por la vecindad de Roma con sus posesiones de Sicilia. Por otra parte, veían con inquietud el creciente desarrollo del comercio romano en el Tirreno, donde ellos monopolizaban el tráfico mercantil. Cartago dominaba Cerdeña, Córcega y la casi totalidad de Sicilia, y desde ese triple reducto insular creyó que podría impedir el comercio marítimo de Roma.

Esta oposición de intereses causó la primera guerra púnica. El motivo ocasional fue la intervención de los romanos en Sicilia". (págs. 212-213).

Como vemos, uma interpretação boa e acessível.

Tratando do fim do Império Romano o livro fala em **La caída de Roma** (pág. 299). não esclarecendo que, de fato, houve antes um desmembrar, fruto de fatores internos e externos, do que pròpriamente, uma queda.

A obra ressent-se, porém, de alguns senões que não se pode deixar de assinalar como sendo mais graves:

- 1). — a ausência, ao final de cada capítulo, de esquemas didáticos ou mesmo, de resumos de cada unidade. E' uma técnica que mesmo as obras de categoria bastante inferior utilizam.

- 2). — incompreensivelmente, não há uma periodização dos tempos históricos, o porque das datas escolhidas para ponto de referência. O aluno vai estudar História Antiga e Medieval sem saber quando, como e porque elas se iniciam. Longe de nós atribuir valor absoluto a essa periodização. Mas o problema aqui é levantado a partir de uma perspectiva didática.
- 3). — Não há, mesmo quando o A. trata da Idade Antiga, nomes gerais que abranjam um grupo de culturas. A reunião de algumas delas sob o título “Civilizações Imperiais” ou “Civilizações marítimas”, ou ainda “Civilizações ao Longo dos Rios” é algo que o A. não utiliza, deixando de servir-se de uma maneira moderna e funcional de, ao mesmo tempo, ensinar melhor e facilitar o estudo.

E’ fora de dúvida, contudo, que o número de prós ultrapassa o dos contras e os recém-formados terão aí um modelo (longe da perfeição, já foi dito), nossos autores de livros didáticos um exemplo (que, é claro, não deve ser seguido à risca) e os alunos um motivo para incentivo intelectual.

JAIME PINSKY

*
* *
*

MIZUNO (Seiichi) e outros. — **Saiiki (Ásia Central)**. Tokyo, Kawade, 1966, 168 págs. [Sekai Bunka (Culturas do Mundo) vol. 15].

Os estudos sobre a Ásia Central, particularmente os relacionados com a “Rota da Seda” vêm atraindo a atenção de muitos historiadores e arqueólogos e mesmo do grande público, no Japão, há várias décadas. Nêsse país são numerosas as publicações sobre o assunto, tanto destinadas ao grande público, como de divulgação. A “Rota da Seda” tem mesmo inspirado romancistas contemporâneos japoneses como Yasushi Inoue, autor de **Tonkô** (Tung-Huang), **Iiki no hito** (O homem da região estranha), **Aoi Ôkami** (O jovem lobo) e outros romances históricos cuja ação se desenrola nos oásis e desertos do Turquestão. Sendo êsse um assunto que provoca tamanho interesse, a Editôra Kawade não podia deixar de incluir a Ásia Central em sua coleção **Sekai Bunka** que apresenta uma série de artigos especializados sobre a história e a arte de uma civilização em cada um de seus dezesseis volumes, cuja apresentação e farta ilustração fazem lembrar as publicações da Skira. O livro, rico em fotos coloridas de afrescos, esculturas e fragmentos de tecidos exumados das ruínas das cidades adormecidas sob as areias da Ásia Central, compõe-se de sete artigos. O primeiro dêles, **Saiiki Bunka no kiso to tokushitsu** (Bases e Características da Cultura da Ásia Central), do prof. Seiichi Mizuno, da Universidade de Kyoto, após um breve apanhado sobre a geografia da região, apresenta um estudo sobre a formação das culturas sedentárias, dedicadas a agricultura nos oásis, e das culturas nômades,